

## “Joga fora no rio”: uma etnografia arqueológica do descarte de resíduos de pescado em uma comunidade de pescadores artesanais

Lucas Antonio da Silva\*

SILVA, L.A. da. “Joga fora no rio”: uma etnografia arqueológica do descarte de resíduos de pescado em uma comunidade de pescadores artesanais. *R. Museu Arq. Etn.* 40: 21-34, 2023.

**Resumo:** Este estudo analisa a prática do descarte de resíduos de peixe na comunidade da Barra do João Pedro, Rio Grande do Sul. A partir da abordagem da etnografia arqueológica – etnoarqueologia –, isto é, da observação e participação nas práticas cotidianas dos pescadores, pretende-se demonstrar o caráter associativo e orgânico do descarte de resíduos. A narrativa decorrente dessa experiência junto da comunidade será acompanhada de uma reflexão teórica sobre o papel do rio como um agenciador de relações na prática do descarte dos resíduos.

**Palavras-chave:** Etnografia arqueológica; Etnoarqueologia; Pesca; Descarte; Resíduos.

### Introdução

O estudo das comunidades pesqueiras no Brasil é um fenômeno antigo e que se desenvolveu através de diversos campos científicos (Diegues 1999, 2004). A partir de meados do século XX, configurou-se uma abordagem de pesquisa centrada no estudo das sociedades pescadoras através dos conceitos do materialismo histórico e da caracterização social e produtiva das comunidades estudadas (Silva & Gaspar 2019). Essa abordagem, conhecida como socioantropologia da pesca, criou uma importante base de conhecimento sobre as comunidades de pescadores em diferentes regiões do Brasil, especialmente no Sul, Sudeste, Nordeste e Norte do país. Na arqueologia brasileira, o tema da pesca

também permeou boa parte das pesquisas, pelo menos desde o final do século XIX (Lima 2000; Silva & Gaspar 2019; Wagner *et al.*, 2011). Os estudos sobre os sambaquieiros e o modo de vida pescador-coletor na costa atlântica (Gaspar, Klokler & Deblasis 2011) são temas persistentes e relevantes para a compreensão do povoamento costeiro na América do Sul.

A pesquisa de etnoarqueologia da pesca, iniciada no ano de 2010, abriu algumas possibilidades interessantes para a compreensão das comunidades de pescadores do presente a partir do olhar da arqueologia. Em um primeiro momento, foram observados os processos comportamentais para a formação do registro arqueológico, mais especificamente, como os pescadores constituíam suas áreas de atividades. Essa abordagem foi influenciada pelos estudos de Binford (1978a, 1978b, 1983) com os Nunamiut e pelos trabalhos de Kent (1984, 1991, 1993) sobre a formação de áreas de atividades através de estudos etnoarqueológicos.

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Departamento de Antropologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. <lasilva@mn.ufrj.br>

Já em um segundo momento, a pesquisa de etnoarqueologia da pesca centrou-se na sociologia das associações entre materialidade e pescadores. Através dos trabalhos de Ingold (2000, 2008, 2012, 2013a, 2013b, 2014, 2015), Latour (1994, 1998, 2008, 2012) e Tilley (1994, 2001, 2004, 2008), foi possível explorar a dimensão relacional entre materialidade, pessoas e ambiente na pesca artesanal.

Por meio de um longo trabalho etnográfico na comunidade da Barra do João Pedro, observaram-se algumas práticas de descarte de objetos de diferentes naturezas, tais como arpepescas estragadas, refugos de material de construção, utensílios domésticos e resíduos orgânicos. Considerando o descarte como uma prática relevante para a comunidade, a presente pesquisa percorrerá uma narrativa sobre o descarte dos resíduos da pesca, mais especificamente dos restos orgânicos procedentes do processamento do pescado após as pescarias.

### **Etnografia e arqueologia, uma breve passagem**

Esta pesquisa se desenvolveu a partir de uma etnografia arqueológica – etnoarqueologia<sup>2</sup>. Definida como um campo de estudos tipicamente arqueológico (Castañeda 2008; Castañeda & Matthews 2008; González-Ruibal 2003, 2006, 2009; Hamilakis 2011; Hamilakis & Anagnostopoulos 2009; Lane 2006; Silva 2009a, 2009b; Silva 2017a), a etnografia arqueológica se caracteriza pelo desenvolvimento de um trabalho de observação participante

2 Há diferenças de nomenclatura entre os autores citados. Hamilakis e Anagnostopoulos (2009) e Hamilakis (2011) utilizam o termo *etnografia arqueológica*. Castañeda e Matthews (2008) e Castañeda (2008) optam por *arqueologia etnográfica*. González-Ruibal (2003), Lane (2006), Silva (2009a, 2009b) e Silva (2017a) referem-se a *etnoarqueologia*. Por fim, González-Ruibal (2006, 2009) adota a ideia de *arqueologia do presente*. Apesar dos diferentes nomes, há certo consenso sobre a importância da etnografia como um fundamento característico dessa abordagem na arqueologia. Portanto, o objetivo aqui não é discutir um conceito, mas trazer algumas reflexões sobre a prática etnográfica a partir de um viés arqueológico.

junto de um grupo ou comunidade. Tilley (2001) destaca que para a arqueologia todo e qualquer estudo começa através da materialidade, isto é, de algum problema materialmente verificável. Nesse sentido, o autor aponta que a etnografia arqueológica permite a compreensão da materialidade em seu movimento, revelando as qualidades sinestésicas das coisas para os seres (Tilley 2001). Ainda segundo o autor (Tilley 2001), é a busca por essas qualidades sinestésicas dos objetos que torna a etnografia arqueológica diferente de uma etnografia em seu sentido antropológico. É no deslocamento do foco de estudo, da *materialidade para o ser* que se desenvolve a etnografia arqueológica, ao contrário da antropologia, que parte do ser para a materialidade.

Em linhas gerais, é a centralidade dos objetos e das coisas que torna esse tipo de etnografia parte fundamental da arqueologia. Apesar da proximidade com a antropologia, o “etnoarqueólogo” está interessado em delimitar seus problemas e resolvê-los por um viés material. Tilley (2001) aponta que um texto não é suficiente para evocar todas as qualidades da materialidade, e, por isso, o autor aponta que a observação e a participação – etnografia – se configuram em práticas qualitativas de compreensão e documentação dos movimentos da materialidade, isto é, da vida das coisas.

Hamilakis & Anagnostopoulos (2009) definem a etnografia arqueológica exatamente como um campo de interesse político e participativo, revelando a necessidade de uma abordagem crítica da literatura aliada a um trabalho de campo detalhado e minucioso. No mesmo sentido, Hamilakis (2011) destaca que o trabalho de observação participante deve orientar-se por uma proposta de longa duração, na qual o “etnoarqueólogo” se coloque como um sujeito disposto a *aprender* sobre os objetos e coisas estudadas. Para Wagner (2010), trata-se de uma experiência na qual o etnógrafo se utiliza de sua bagagem de vida para intermediar um processo de aprendizagem de outra cultura. Ainda conforme o autor (Wagner 2010), o etnógrafo se assemelha

a uma “criança” para os grupos estudados, no sentido de que o pesquisador deve aprender a cultura local desde os primeiros gestos, palavras e movimentos. Portanto, colocando-se como um sujeito que participa e experimenta a vida material do grupo estudado, o “etnoarqueólogo” desenvolve suas capacidades perceptivas sobre a materialidade e as transforma em narrativas, transcrevendo suas experiências e impressões.

Para Castañeda (2008), a abordagem etnográfica na arqueologia deve orientar-se para o estudo e compreensão do presente, diferente da contribuição processual que entendia a etnografia apenas enquanto uma ferramenta para a elaboração de modelos interpretativos. Segundo Castañeda (2008), no viés processualista, a etnografia era subordinada a uma agenda de interpretação do passado e, portanto, considerada apenas como um suporte de compreensão do registro arqueológico. Contrário a isso, o autor (Castañeda, 2008) propõe que a etnografia se integre com o fazer arqueológico no presente para o presente, constituindo uma atmosfera propícia para a experimentação e participação junto do conhecimento “visível”, isto é, do conhecimento concreto da materialidade. Hamilakis (2011) expõe uma proposta complementar e indica que a etnografia arqueológica possibilita a fusão de múltiplas temporalidades, entendendo os fenômenos observados na sincronia da etnografia sempre relacionados aos fenômenos históricos do passado. Em resumo, para Hamilakis (2011), a etnografia arqueológica combina os princípios sincrônicos da observação participante com a profundidade temporal característica de grande parte dos estudos arqueológicos.

Por fim, cabe destacar a importância da narrativa para a etnografia arqueológica. O resultado de todo o trabalho de observação participante é uma descrição qualitativa de todas as experiências vivenciadas pelo “etnoarqueólogo”. Tilley (1994, 2004) nomeou como a “arte da narrativa” esse procedimento de elaboração

de um texto no qual o “etnoarqueólogo” exprime todas as experiências e mediações pelas quais passou durante o trabalho de campo. Por meio da fenomenologia, Tilley (1994, 2004) reforça que a própria construção da narrativa é parte do aprendizado da observação participante, pois, para descrever textualmente as experiências, é preciso realizar um procedimento de tradução da prática para a linguagem escrita.

Segundo Benjamin (1985), o narrador retira da experiência aquilo que conta e, simultaneamente, incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes e leitores. Essa característica revela que a etnografia arqueológica, através do trabalho de observação e participação junto das comunidades estudadas, constitui uma combinação de narrativas mediadas por muitas experiências. A observação e o manuseio da materialidade, as narrativas dos pescadores, os aprendizados do próprio “etnoarqueólogo” e as demais mediações ao longo do trabalho de campo misturam-se na narrativa final e, com isso, reforçam o caráter coletivo e diverso da experiência conduzida por uma etnografia arqueológica. Portanto, o “etnoarqueólogo” tem um duplo desafio em sua narrativa: traduzir a prática para a linguagem escrita e, ao mesmo tempo, tecer as diversas experiências e mediações oriundas da observação participante.

### **A comunidade e os agentes humanos**

A comunidade da Barra do João Pedro localiza-se no município de Maquiné, no litoral norte do Rio Grande do Sul (Fig. 1). A planície costeira, composta por campos alagadiços e capões de mato esparsos, delimita-se a oeste pela Serra Geral e a leste pelo oceano Atlântico. As lagoas, rios e banhados completam um ambiente que também se configura nos territórios de pesca dos pescadores da comunidade.

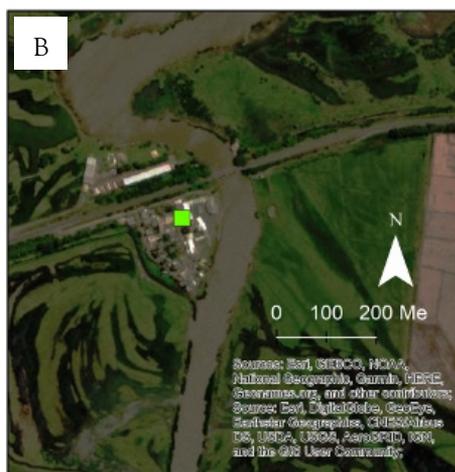
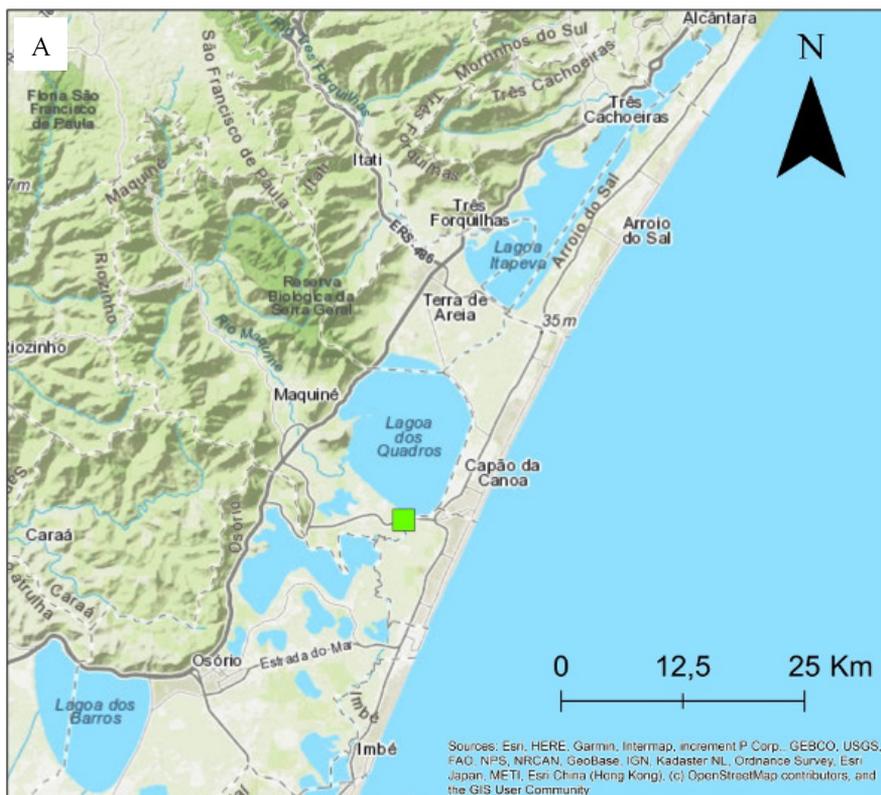


Fig. 1A. Mapa com a localização da comunidade, lagoas e rios do litoral norte do RS.  
Fonte: OpenStreetMap.

Fig. 1B. Imagem de satélite da comunidade e do Rio de Cima.  
Fonte: OpenStreetMap.

Fig. 1C. Localização geral da área de pesquisa.  
Fonte: OpenStreetMap.

Vizinha da Lagoa dos Quadros e do Rio de Cima (da Barra), a comunidade está circunscrita a um espaço reduzido, por conta de uma rodovia Estadual (RS-407, ao norte), um braço de um rio antigo (ao sul), o Rio de Cima (leste), e uma propriedade Rural (Oeste). Essa circunscrição gera alguns problemas para os habitantes da Barra, principalmente pela falta de espaço para a construção das casas, para o lazer das crianças e adultos e para o manejo das atividades pesqueiras de um modo geral.

As famílias que habitam a comunidade têm como principal fonte de renda a pesca e, em segundo lugar, atividades temporárias nos municípios próximos, tais como o trabalho na construção civil, jardinagem ou no comércio. A barra do João Pedro está isolada dos núcleos urbanos, o que dificulta o desenvolvimento de outras atividades para complementar a renda de seus moradores. Apesar disso, parece existir certo consenso de que o isolamento tem um lado positivo, que é a segurança e a atmosfera tranquila da vida na comunidade.

Os pescadores e as pescadoras dividem suas vidas entre as atividades pesqueiras na água e na terra. Na água, as práticas relacionadas à manutenção do território, delimitação de pesqueiros, a coleta de iscas e a captura dos peixes são atividades desenvolvidas pelos pescadores, que transitam entre as diferentes superfícies – água e terra. As pescadoras permanecem em terra, desempenhando outras atividades produtivas fundamentais, tais como a limpeza e comércio do pescado, a organização da vida doméstica e a manutenção dos espaços para o tratamento do pescado.

A pesca na comunidade caracteriza-se pela produção de pequena escala (Diegues 2004), na qual a unidade familiar desenvolve todo o processo produtivo, desde a pesca até a comercialização. Os pescadores costumam pescar sozinhos ou em duplas e em pequenas embarcações com motor de popa (até 6 metros, com no máximo 30hp). Diante disso, suas práticas em terra, como o processamento do pescado e a comercialização,

ocorrem em estruturas anexas a suas casas, chamadas localmente de *galpões*. Esses locais concentram boa parte das atividades em terra, revelando o caráter agregador das atividades terrestres em contraponto às atividades aquáticas que envolvem a navegação para variados pesqueiros.

Por fim, cabe destacar que o território dos pescadores da Barra do João Pedro apresenta uma fluidez que é característica dos territórios aquáticos. A navegação, a apropriação e o uso de determinados pesqueiros, que marca a territorialidade na pesca artesanal, não tem um padrão rígido e se altera conforme as condições atmosféricas, ambientais e as intenções individuais de pesca de cada pescador. O mapa apresentado na Figura 1 demonstra uma área de atuação de caráter mais estável para os pescadores da comunidade.

#### **Seguindo o fluxo das evidências materiais: o descarte no rio**

É na água que o pescador efetiva a captura dos peixes, realizando uma das etapas produtivas mais importantes da pesca. No entanto, como já destacado por Diegues (2000, 2004), a cadeia produtiva envolve uma série de conhecimentos, gestos e significados que extrapolam a captura do peixe. Por exemplo, para cada pescaria há o preparo e o agenciamento de inúmeros atores, tais como redes, anzóis, iscas, embarcações, diálogos sobre pescarias pretéritas e o reconhecimento das condições de pesca. Essa diversidade de práticas que envolvem a pesca artesanal evidencia a interação constante dos pescadores com a água e, ao mesmo tempo, demonstra a necessidade de conhecer das qualidades da superfície fluida (Silva 2018, 2019) para diminuir os impactos da imprevisibilidade (Diegues 2004; Maldonado 1994) e garantir boas pescarias.

Os materiais de pesca, em sua grande maioria, são voltados para práticas desenvolvidas na água e na comunidade e costumam ser evocados como “coisas que vão para a água” (Silva 2018).

Espinhéis, redes, embarcações, gaiolas de pesca, entre outros, são objetos que compõem um aparato de tralhas comuns aos pescadores, em especial, na Barra do João Pedro. Através da etnografia conduzida na comunidade, observou-se as particularidades de cada um dos materiais de pesca que vão para a água e suas relações com os lugares e os peixes (Silva 2018). Contudo, a prática do descarte de coisas na água revela algumas particularidades da relação dos pescadores com o processamento do pescado e com as qualidades materiais da própria água. Cabe ressaltar que a prática do descarte de materiais no rio se restringe aos materiais orgânicos da pesca, essencialmente os resíduos da limpeza do peixe.

Processar o peixe, ou *limpar o peixe*, no termo local, é uma prática produtiva desenvolvida em terra e que envolve pescadores e pescadoras. Etapas como abrir as barrigas dos peixes, retirar as vísceras e limpar a parte interna costumam ser comuns a praticamente todas as espécies pescadas na comunidade (Silva 2012). Ainda há etapas exclusivas para alguns peixes, tais como escamar (retirar as escamas), cortar as esporas, lixar (peixes de coloração mais escura) e retirar a carcaça. Todas essas etapas compõem a limpeza dos peixes e agenciam diferentes objetos e gestos. Por exemplo, facas, afiadores, tábuas para corte, luvas, caixas para os peixes e vísceras, esponjas e alicates são objetos comuns e, quanto aos gestos, cada espécie de peixe e tipo de corte (inteiro, em postas ou em filé) indica o melhor modo de conduzir a limpeza. Após todo o processamento do peixe, o resultado é, por um lado, o pescado que será comercializado e, por outro, os resíduos do processo produtivo que não serão utilizados.

Os resíduos de peixes, compostos por escamas, vísceras, esporas, cabeças, ossos, nadadeiras e outras partes constituem o *lixo*, aquilo que deve ser descartado após o processo de limpeza dos peixes (Fig. 2). Os pescadores destacam que esses resíduos podem gerar uma série de problemas, tais como o mau cheiro, a proliferação de insetos e a deterioração

dos objetos próximos. A preocupação com o tratamento dos resíduos também se dá pela questão comercial, especialmente porque os pescadores limpam os peixes no mesmo local onde o comercializam, já que os galpões de pesca são lugares que condensam boa parte das atividades pesqueiras em terra (Silva 2011, 2012).



Fig. 2. Caixa com os resíduos de peixe ainda dentro do galpão, no processo de limpeza do peixe (julho de 2014).

Fonte: Elaboração própria.

O primeiro obstáculo que os pescadores encontram para o tratamento dos resíduos é a ausência de uma coleta específica para esses materiais. O poder municipal oferece a coleta regular de lixo doméstico. No entanto, como o fluxo de processamento do pescado é diário, não há como aguardar a coleta para executar o descarte. Como destacado, a circunscrição da comunidade também gera problemas, pois a ausência de espaço impossibilita possíveis práticas para o tratamento dos resíduos. Segundo os pescadores, esses problemas são históricos, já que remontam à própria formação da comunidade e seu isolamento, atribuindo também ao poder público a responsabilidade pelo abandono dos temas locais.

Se os problemas para o descarte dos resíduos da pesca são históricos, a solução encontrada pelos pescadores tem a mesma profundidade temporal.

Descartar os resíduos no rio sempre foi uma prática comum na comunidade, segundo os pescadores (Fig. 3). Os veteranos<sup>3</sup> relatam que o descarte no Rio de Cima já ocorria na geração de seus avós, mas, dado o volume menor de pescado processado antigamente, o descarte não era uma preocupação recorrente, principalmente pela pouca comercialização do pescado na época. Nessas memórias relatadas pelos pescadores, há uma particularidade interessante, o fato de que o pescado era processado e vendido embaixo da ponte. Isso ocorria porque os peixes eram mantidos vivos em gaiolas e apenas no momento da comercialização que o pescador os processava para o freguês. Como tudo ocorria embaixo da ponte, à medida que o pescador conduzia a limpeza, já descartava os resíduos na água, deixando o rio se encarregar do destino dos restos.

Um aspecto que contribuiu para a individualização do espaço de tratamento dos peixes – a criação dos galpões de pesca – foi o surgimento dos primeiros equipamentos de refrigeração elétrica, os *freezers*. A partir disso, já não era mais necessário manter os peixes vivos e limpá-los apenas no momento da venda. Com os aparelhos de refrigeração os pescadores puderam armazenar e comercializar o pescado com restaurantes da região e individualizar seus espaços terrestres de processamento dos peixes. Entretanto, no ambiente fechado dos galpões, os pescadores passaram a se preocupar com os problemas de higiene, decorrentes da presença dos resíduos. Anteriormente, como toda a etapa produtiva de limpeza do pescado era realizada embaixo da ponte – sobre ou ao lado do rio – todos os resíduos eram descartados à medida que se realizava a limpeza do peixe. Como os locais de processamento se distanciaram do rio, os pescadores passaram a depositar em uma caixa todos os resíduos resultantes da limpeza. Em seguida, terminados os procedimentos, é preciso embarcar a caixa com os resíduos e descartá-los no meio do rio.



Fig. 3. Pescador descartando os resíduos de peixe no canal do rio (agosto de 2015).

Fonte: Elaboração própria.

O descarte dos resíduos no rio também apresenta outra justificativa. Os pescadores explicam que a correnteza do rio (sentido norte-sul) auxilia no deslocamento dos resíduos para longe da comunidade. Ainda assim, é preciso que o descarte seja realizado de maneira apropriada, para que a correnteza afaste os resíduos. Para tanto, os pescadores costumam posicionar a embarcação no centro do rio, onde a correnteza é mais forte e ali realizam o descarte. Nas margens, a água costuma ser mais calma e, com isso, há uma tendência ao represamento dos resíduos, sejam nas margens, seja na vegetação aquática.

Seguindo o conjunto de orientações orgânicas dos pescadores (Silva 2018, 2019), aquilo que segue o fluxo da correnteza (em direção ao sul) *desce o rio* e o que vai contrário *o sobe*. Essa orientação é importante, pois se trata de uma característica essencial do descarte dos resíduos, já que eles devem sempre *descer* o rio para se afastar da comunidade. Portanto, para aproveitar a correnteza do rio, o pescador avalia a melhor posição para o descarte, de modo que os resíduos sigam o fluxo da água.

Os pescadores apontam que a estratégia de descarte dos resíduos de pescado no rio contribui para a *renovação da vida no rio*. Segundo eles, todos os resíduos

3 Termo local sinônimo de mestre.

são consumidos pelas diversas espécies que habitam o curso do rio, tais como o biguá (*Phalacrocorax brasilianus*), as garças (*Ardeidae*), a lontra (*Lontra longicaudis*) e diversas espécies de peixes, como os jundiás (*Rhamdia* sp.), bagres (*Genidens* sp.), lambaris (*Astyanax* sp.) e outros tantos. As aves proporcionam um espetáculo à parte, pois tão logo

um pescador se desloca para a embarcação com as caixas de resíduo, as garças, socós e biguás já começam a se aproximar do canal e margens do rio (Fig. 4). Alguns minutos após o descarte surge a lontra, que mergulha e coleta os resíduos que ficam submersos no rio e, em seguida, ressurge comendo algum resto de peixe descartado pelo pescador.



**Fig. 4.** Garças e socós sobrevoando o rio após o descarte (agosto de 2021).

**Fonte:** Elaboração própria.

Sabendo do potencial dos resíduos para a fauna local, eventualmente os pescadores realizam o descarte em locais específicos do rio, com o objetivo de atrair os peixes e caramujos para utilizá-los como iscas para pescarias futuras. O uso dos resíduos como uma isca secundária – que não está diretamente atrelada a uma artepesca – é citado por um dos interlocutores da pesquisa. O pescador relatou

que algumas pescarias realizadas na proximidade da comunidade costumam render bons resultados, especialmente próximo da primeira curva do rio, onde se acumula grande parte dos resíduos descartados. Isso ocorre porque a partir da comunidade o rio segue em linha reta por 750 metros, até que o curso d’água faz curva para a esquerda, onde justamente se acumulam os resíduos.

A pescaria com espinhel – artespesca que utiliza anzóis com iscas – é a preferida pelos pescadores pelo potencial de pesca gerado pelo descarte. Nesse caso, observa-se que prevalece a combinação da isca “passiva” e “ativa”, respectivamente, os resíduos e a isca da artespesca, para atrair e capturar os peixes.

Outro aspecto interessante do descarte é que ele se configura em uma evidência do sucesso ou fracasso das pescarias. Quando um pescador se encaminha para descartar os resíduos no rio é comum que outros pescadores o observem, com o objetivo de averiguar os resultados da pescaria.

O *segredo* é um tema recorrente nas sociedades pescadoras (Diegues 2000, 2004; Forman 1970; Maldonado 1994, 2000; Mourão 2003). De modo geral, manter em segredo o resultado de uma pescaria implica ocultar os pesqueiros de mais piscosidade e mantê-los sob o uso restrito do pescador que o conhece. Nesse sentido, como todos os pescadores da comunidade realizam o descarte no rio, os resíduos tornam-se evidências materiais visíveis aos demais, revelando o resultado da pescaria.

Ao descer o rio, é possível observar algumas concentrações de resíduos que se acumulam na vegetação aquática e na curva do rio. Apesar de permanecer por pouco tempo, esses acúmulos também são evidências da presença de atividade pesqueira, principalmente das espécies que estão sendo mais capturadas naquele momento. Quando os pescadores descem o rio é comum que fiquem observando as margens, à procura das concentrações de resíduos. Ao observar a preponderância de alguma espécie nos resíduos, o pescador pode delimitar uma estratégia mais adequada para a pescaria seguinte, optando por determinados lugares e artespescas. O contraponto disso se dá na época de piracema, quando a pesca profissional fica proibida, entre início de novembro e final de janeiro. Nesse período, ao descer o rio, não se observa nenhum resíduo de peixe, indicando que a atividade não está em curso durante o referido período.

A prática do descarte dos resíduos da pesca envolve muitas variáveis e conduz a inúmeras relações que perpassam os seres humanos, não humanos, materialidade e lugares. Na narrativa acima fica explícito esse caráter relacional dos fenômenos na pesca artesanal, em especial, quando se observa a quantidade de agenciamentos que apenas o descarte dos resíduos é capaz de gerar em um ambiente específico. Como o rio está no centro da maioria dessas relações narradas, considerou-se importante descrever algumas características desse corpo d’água através de um olhar arqueológico.

### O fluxo do rio e dos materiais

A narrativa sobre a prática do descarte de resíduos evidencia que os pescadores têm um conjunto de relações com o rio e com a fauna local. O conhecimento dessas relações se constitui através da experiência prática proporcionada pelo trabalho diário com os pesqueiros, materiais de pesca, animais e demais lugares que compõem o território dos pescadores (Adomilli 2002, 2007; Diegues 2004; Maldonado 1994, 2000; Silva 2012, 2015, 2018).

O conhecimento da hidrodinâmica local configura-se em um fator decisivo para a prática do descarte dos resíduos da pesca. O conjunto de orientações orgânicas dos pescadores para se referir às direções do rio segue o princípio da experiência do corpo (Strang 2004, 2005, 2008; Thomas 2008; Tilley 1994, 2008). Strang (2004, 2005, 2008) afirma que a água é um tipo de artefato que conduz as pessoas a diferentes tipos de engajamentos e interações. Sendo assim, é na experiência física com a água que os pescadores orientam suas práticas, sobretudo no descarte. Saber da ação da correnteza, explorar a dinâmica do rio, conhecer a ação dos resíduos sobre a fauna local são fenômenos que decorrem da prática cotidiana e da experiência dos pescadores ao longo do rio. Esse processo de incorporação do rio ocorre através de sua materialidade

(Silva 2019; Strang 2006), de suas qualidades materialmente verificáveis, tais como o seu cheiro, sua coloração e o seu fluir, que possibilitam a experiência do pescador por meio de seu corpo (Strang 2006).

Segundo Edgeworth (2011), a água tem duas características essenciais que são o *descer* e o *fluir*. Ainda segundo o autor, a humanidade se apropriou das águas, em especial dos rios, também pela capacidade desses corpos d'água gerar um contexto de movimento, seja para criar estruturas que usufruíam dessa energia, tais como os moinhos ou barragens, seja através de objetos móveis para utilizar o benefício da correnteza, como, por exemplo, as armadilhas de pesca ou embarcações. O movimento constante da água – *descer e fluir* – configura aquilo que Edgeworth (2011) denominou como *flowscape*, um lugar que flui e se movimenta de maneira constante (Silva 2019). Os pescadores em suas narrativas e práticas demonstram que o *descer* e *fluir* são aspectos essenciais para o descarte dos resíduos da pesca. O movimento do rio afasta os restos de pescado e, ao mesmo tempo, proporciona a alimentação de outros seres que o habitam, ressaltando o componente relacional da vida na pesca artesanal (Silva 2018).

Leroi-Gourhan (1984), Normark (2014) e Bachelard (1989) também apontam que um dos efeitos dinâmicos da água é a sua capacidade de misturar as coisas. Para os pescadores essa é uma característica importante, pois o rio mistura em sua correnteza os resíduos da pesca e também proporciona o encontro de muitos seres. Como destacado na narrativa, os resíduos atraem e alimentam os peixes, as aves e os mamíferos que habitam o curso do rio, revelando que o descarte realizado pelos pescadores agencia outras relações entre os diferentes agentes envolvidos na pesca artesanal. A mistura e o encontro de diferentes seres ao redor do descarte dos resíduos compõem uma beleza à parte, marcada pela aparição dos pássaros e da lontra.

De modo geral, os fluxos materiais associados ao descarte revelam que o rio é um lugar de agenciamentos de múltiplas naturezas.

Além de todas as questões produtivas, desde a captura até o processamento do pescado, o rio congrega ao longo de seu curso muitos seres, objetos e coisas. A narrativa sobre o descarte dos resíduos na Barra do João Pedro manifesta o caráter associativo que o rio assume para a pesca artesanal na comunidade.

### Considerações finais

A etnografia arqueológica, ou etnoarqueologia, pode oferecer uma importante contribuição no estudo das sociedades no presente, especialmente no modo como a materialidade possibilita diferentes mediações, engajamentos e explicações sobre o mundo (Olsen 2010). A etnografia, enquanto uma prática de observação, participação e narrativa, tem o potencial de revelar a *sinestesia* (Tilley 2001) do acontecer em seu acontecimento através dos objetos e das coisas.

Por meio da etnografia conduzida na comunidade foi possível observar a importância do descarte dos resíduos como uma etapa produtiva do processamento do pescado, mas também como uma prática associativa de diversos fenômenos, como a correnteza do rio, os outros seres que consomem os resíduos e a solução para os problemas de higiene nos galpões de pesca. O caráter associativo das práticas na pesca artesanal (Silva 2017b, 2018) evidencia-se na composição da materialidade, dos gestos e das explicações que os pescadores expressam sobre o descarte dos resíduos.

O rio desempenha um papel central para o descarte dos resíduos, pois, como demonstrado, é ele que possibilita o afastamento dos restos de peixes e, ao mesmo tempo, compõe o lugar no qual diversos seres interagem. Para os humanos, o rio é a superfície na qual o resíduo de pescado é descartado, afastado da comunidade e, simultaneamente, engendra a possibilidade de pescarias futuras. Os demais seres que habitam o curso do rio também se aproveitam do descarte dos resíduos, em especial os peixes, que futuramente podem ser capturados pelos pescadores. Portanto, o rio é um lugar

de reunião de muitos devires (Ingold 2015) e seu fluxo e fluidez, tal como proposto por Edgeworth (2011), têm esse caráter de associar as coisas e os seres.

Com isso, o resíduo de pescado, como o *lixo* do processamento dos peixes, reúne práticas específicas e uma composição de eventos

em associação característicos dos pescadores da Barra do João Pedro. O descarte dos resíduos compõe uma parte das práticas cotidianas dos pescadores e, tal como outros fenômenos, tem o aspecto orgânico de primazia do corpo e a dimensão associativa como duas características recorrentes e comuns da vida na pesca artesanal.

SILVA, L.A. da. "Joga fora no rio": an archaeological ethnography of fish waste disposal in an artisanal fishing community. *R. Museu Arq. Etn.* 40: 21-34, 2023.

**Abstract:** This ethnoarchaeology study analyzes the practice of fish waste disposal in the artisanal fishing community of Barra do João Pedro, Rio Grande do Sul. Based on the observation and participation in the fishermen's daily practices, it demonstrates the associative and organic nature of waste disposal. The narrative resulting from this experience with the community will be accompanied by a theoretical reflection on the role of the river as an agent of relationships in the practice of waste disposal.

**Keywords:** Archaeological Ethnography; Ethnoarchaeology; Fishing; Disposal; Waste.

### Referências bibliográficas

- Adomilli, G. 2002. *Trabalho, meio ambiente e conflito: um estudo antropológico sobre a construção da identidade social dos pescadores do Parque Nacional da Lagoa do Peixe-RS*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Adomilli, G. 2007. *Terra e Mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima: tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte-RS*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Bachelard, G. 1989. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Martins Fontes, São Paulo.
- Benjamin, W. 1985. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política*. Brasiliense, São Paulo, 197-221.
- Binford, L. 1978a. *Nunamiut ethnoarchaeology*. Academic Press, New York.
- Binford, L. 1978b. Dimensional analysis of behavior and site structure: learning from an Eskimo hunting stand. *American Antiquity* 43: 330-361.
- Binford, L. 1983. *Em busca do passado: a descodificação do registro arqueológico*. Europa-América, Mira-Sintra.
- Castañeda, Q. 2008. The "Ethnographic Turn" in Archaeology. In: Castañeda, Q.; Matthews, C. (Eds.). *Ethnographic archaeologies: reflections on stakeholders and archaeological practices*. Altamira Press, Plymouth, 25-62.
- Castañeda, Q.; Matthews, C. 2008. Introduction. In: Castañeda, Q.; Matthews, C. (Eds.). *Ethnographic archaeologies: reflections on stakeholders and archaeological practices*. Altamira Press, Plymouth, 1-24.

“Joga fora no rio”: uma etnografia arqueológica do descarte de resíduos de pescado em uma comunidade de pescadores artesanais  
*R. Museu Arq. Etn.*, 40: 21-34, 2023.

- Diegues, A.C. 1999. A sócio-anthropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil: uma síntese histórica. Nupaub, São Paulo.
- Diegues, A.C. (Org.). 2000. A imagem das águas. Hucitec, São Paulo.
- Diegues, A.C. 2004. *A pesca construindo sociedades*. NUPAB-USP, São Paulo.
- Edgeworth, M. 2011. *Fluid pasts: archaeology of flow*. Bristol Classical Press, London.
- Forman, S. 1970. *The raft fishermen: tradition and change in the brazilian peasant economy*. Indiana University Press, Bloomington.
- Gaspar, M.; Klokler, D.; Deblasis, P. 2011. Traditional fishing, mollusk gathering, and the shell mound builders of Santa Catarina, Brazil. *Journal of Ethnobiology* 31: 188-212.
- González-Ruibal, A. 2003. *La experiencia del Outro: una introducción a la etnoarqueología*. Akal, Madrid.
- González-Ruibal, A. 2006. The past is tomorrow. Towards an archaeology of the vanishing present. *Norwegian Archaeological Review* 39: 110-125.
- González-Ruibal, A. 2009. De la etnoarqueología a la arqueología del presente. In: Salazar, J.; Domingo, I.; Askarrága, J.; Bonet, H. (Coord.). *Mundos tribales: una visión etnoarqueológica*. Museu de Prehistòria, València, 16-27.
- Hamilakis, Y.; Anagnostopoulos, A. 2009. What is archaeological ethnography? *Public Archaeology* 8: 65-87.
- Hamilakis, Y. 2011. Archaeological ethnography: a multitemporal meeting ground for archaeology and anthropology. *Annual Review of Anthropology* 40: 399-414.
- Ingold, T. 2000. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. Routledge, London.
- Ingold, T. 2008. When ant meets spider: social theory for arthropods. In: Malafouris, L.; Knappett, C. *Material agency: towards a non-anthropocentric approach*. Springer, New York, 209-216.
- Ingold, T. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos* 18: 25-44.
- Ingold, T. 2013a. Los materiales contra la materialidad. *Papeles de trabajo* 7: 19-39.
- Ingold, T. 2013b. Repensando o animado, reanimando o pensamento. *Espaço Ameríndio* 7: 10-25.
- Ingold, T. 2014. That's enough about ethnography! HAU: Journal of Ethnographic Theory 4: 383-395.
- Ingold, T. 2015. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Vozes, Petrópolis.
- Kent, S. 1984. *Analyzing activity areas: an ethnoarchaeological study of the use of space*. University of New Mexico Press, Albuquerque.
- Kent, S. 1991. The relationship between mobility strategies and site structure. In: Kroll, E.M.; Price, T.D. *The interpretation of archaeological spatial patterning*. Plenum Press, New York, 33-59.
- Kent, S. 1993. *Domestic architecture and the use of space: an interdisciplinary cross-cultural study*. Cambridge Press, Cambridge.
- Lane, P. 2006. Present to past: Ethnoarchaeology. In: Tilley, C.; Keane, W.; Küchler, S.; ROWLANS, M.; Spyer, P. *Handbook of material culture*. Sage, London, 402-424.
- Latour, B. 1994. *Jamais fomos modernos*. Editora 34, Rio de Janeiro.
- Latour, B. 1998. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Editora Unesp, São Paulo.
- Latour, B. 2008. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre ciência. In: Nunes, J.; Roque, R. *Objectos impuros*:

- experiências em estudos sobre a ciência. Afrontamento, Porto, 39-61.
- Latour, B. 2012. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Edufba, Salvador; Edusc, Bauru.
- Leroi-Gourhan, A. 1984. *Evolução e técnicas: I: o homem e a matéria*. Tradução Fernanda Pinto Basta. Edições 70, Lisboa.
- Lima, T.A. 2000. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul meridional brasileiro. *Revista USP* 44: 270-327.
- Maldonado, S. 1994. Mestres e mares, espaço e indivisão na pesca marítima. Annablume, São Paulo.
- Maldonado, S. 2000. A caminho das pedras: percepção e utilização do espaço marinho na pesca simples. In: Diegues, A.C. (Org.). *A imagem das águas*. Hucitec, São Paulo, 59-68.
- Mourão, F. 2003. Pescadores do litoral sul do estado de São Paulo. Hucitec, São Paulo.
- Normark, J. 2014. Water as a hyperfact. *Current Swedish Archaeology* 22: 183-206.
- Olsen, B. 2010. *In defense of things: archaeology and the ontology of objects*. Altamira Press, Plymouth.
- Silva, F. 2009a. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. *Métis (UCS)* 8: 121-139.
- Silva, F. 2009b. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 4: 27-37.
- Silva, L. 2011. Etnoarqueologia da pesca: um estudo sobre as áreas de atividade e práticas de pesca dos pescadores da Barra do João Pedro, RS. *Cadernos do LEPAARQ* 8: 113-127.
- Silva, L. 2012. *Pescadores da Barra do João Pedro, um estudo etnoarqueológico*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Silva, L. 2015. Com vento a lagoa vira mar: uma etnoarqueologia da pesca no litoral norte do RS. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, 10: 537-547.
- Silva, L. 2017a. (Re) visitando as pessoas e as coisas: a Etnoarqueologia enquanto uma Arqueologia do Presente. *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira* 30: 175-185.
- Silva, L. 2017b. Nas cordas, anzóis, redes e gaiolas: seguindo os materiais na pesca artesanal. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia* 5: 115-128.
- Silva, L. 2018. *Os materiais de pesca fluindo: uma arqueologia com os pés na água*. Tese de Doutorado. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Silva, L. 2019. A fluidez das relações materiais: uma arqueologia com os pés na água. *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira* 32: 108-128.
- Silva, L.; Gaspar, M. 2019. Anzóis, redes e pescadores: reflexões sobre a arqueologia da pesca. *Revista de Arqueologia* 32: 4-15.
- Strang, V. 2004. *The meaning of water*. Berg, Oxford.
- Strang, V. 2005. Common senses: water, sensory experience and the generation of meaning. *Journal of Material Culture* 10: 92-120.
- Strang, V. 2006. Substantial connections: water and identity in an English cultural landscape. *Worldviews* 10: 155-177.
- Strang, V. 2008. The social construction of water. In: David, B.; Thomas, J. *Handbook of landscape archaeology*. Routledge, London, 123-130.

“Joga fora no rio”: uma etnografia arqueológica do descarte de resíduos de pescado em uma comunidade de pescadores artesanais  
*R. Museu Arq. Etn.*, 40: 21-34, 2023.

Thomas, J. 2008. Archaeology, landscape, and dwelling.  
In: David, B.; Thomas, J. *Handbook of landscape archaeology*. Routledge, London, 300-306.

Tilley, C. 1994. *A phenomenology of landscape*.  
Berg, Oxford.

Tilley, C. 2001. Ethnography and material culture.  
In: Atkinson, P.; Coffey, A.; Delamont, S.;  
Lofland, J.; Lofland, L. *Handbook of ethnography*.  
Sage publications, London: 258-272.

Tilley, C. 2004. *The materiality of Stone*. Berg, Oxford.

Tilley, C. 2008. Phenomenological approaches  
to landscape archaeology. In: David, B.;  
Thomas, J. *Handbook of landscape archaeology*.  
Routledge, London, 271-276.

Wagner, G. *et al.* 2011. Sambaquis (shell mounds)  
of the brazilian coast. *Quaternary International*  
239: 51-60.

Wagner, R. 2010. *A invenção da cultura*.  
São Paulo, Cosac Naify.